

# MODELOS PANCRÔNICOS DE DESCRIÇÃO LINGUÍSTICA: PERCURSOS DE SENTIDO

Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista  
UFPB/Programa de Pós-Graduação em Letras  
Produtividade em Pesquisa - CNPq

## Introdução

Este trabalho dialoga com os modelos pancrônicos de descrição linguística, considerando o ponto de vista da semiótica de linha francesa que tem por objeto de estudo a significação, entendida como função semiótica e definida em discurso. Fazer uma revisão das dicotomias linguísticas: língua e fala/competência e performance, sincronia e diacronia com base nos estudos semióticos pancrônicos e, depois, aplicá-la à análise do discurso etnoliterário constitui o objetivo geral do trabalho. Examinamos, em princípio, o sentido de pancronia e as mudanças operadas no hoje da língua, tendo como fundamento a semiótica de linha francesa e a semântica cognitiva. Buscamos aplicar a teoria estudada à análise do romance oral *O Cego*, estabelecendo os percursos que mostram as mudanças operadas no texto linguístico.

**Palavras chave:** Semiótica. Linguística. Dicotomias.

## Revisitando as dicotomias

Em Saussure, a língua é o sistema linguístico, “a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo que, por si só, não pode nem criá-la, nem modificá-la: ela não existe senão em virtude de uma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade.” (CLG: p.22). Duas observações merecem ser feitas em cima deste conceito: a língua é social, e, portanto, exterior ao indivíduo e este não pode modificá-la nem criá-la. A fala, ao contrário, “é um ato individual de vontade e inteligência” em que o autor distingue a existência de “combinações pelas quais realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal” e, ainda, a existência do “mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar estas combinações.”

Para Bally (1950: P. 124), a língua é o acervo linguístico social e a fala é o funcionamento linguístico individual, ou seja, a realização individual da língua. Antonio Pagliaro (1950: P. 57 – 103), partindo da “realidade concreta do falante e da consideração da linguagem cognoscitiva” considera a língua como “projeção objetiva e, ao mesmo tempo, condição técnica da linguagem (atividade linguística). A língua

pertence ao indivíduo e, ao mesmo tempo, à sua comunidade e, no próprio indivíduo, apresenta – se como alteridade, como algo que pertence também a outros.” Coseriu (1979:p.51), considerando a importância dessa questão levantada por Pagliaro, propõe um novo elemento: a norma, que são as realizações coletivas da língua e não “elementos únicos e ocasionais, mas sociais, isto é, normais e repetidos no falar de um comunidade e que, entretanto, não pertencem ao sistema funcional das formas linguísticas”. Chomsky (1965: p.3-14) aproximou a dicotomia língua e fala de competência e performance. A competência seria o saber linguístico do falante, a possibilidade de fazer frases novas, continuamente, utilizando este saber que é o conhecimento das estruturas linguísticas da comunidade onde se encontra o falante.

Os autores mencionados tentaram elucidar o conceito da dicotomia saussuriana o que será melhor explicitada pelos pancrônicos.

A noção de pancronia, proposta inicialmente pelo sociolinguista francês Marcellesi (Congresso semiótico de Viena – 1979) e ampliada pelo semioticista brasileiro Cidmar Pais (1993), neutraliza a oposição saussuriana *Diacronia* e *Sincronia*. Firma-se no fato de que o sistema não é estático, nem mutável apenas em longo prazo, quando marca a passagem de uma língua para outra, conforme o estruturalismo rígido leva a compreender, mas se encontra em contínua mudança. É o hoje da língua que faz a mudança. A língua funciona mudando e muda porque funciona é o princípio pancrônico básico. O sistema não é apenas coletivo, mas é, também, individual e representa o conhecimento linguístico que o falante possui para expressar sua visão de mundo, transformando-se em uso a cada enunciação. Assim sendo, o conhecimento da língua é variável de um falante para outro e, mesmo com relação a um mesmo indivíduo, de uma enunciação a outra (PAIS: 1993). Uma vez que os usos se dão em discurso, considera-se, então, a terminologia sistema e discurso para nomear a dicotomia proposta pelo genebrino.

Quanto à dicotomia *significante e significado* de Saussure, cuja releitura feita por Hjelmslev propõe nomeá-la conteúdo e expressão, observa-se que a expressão não é apenas fônica, mas pictórica, musical, gestual, etc. Isto permite considerar o mundo como semioticamente construído, estando as significações presentes em todos os objetos e atividades humanas, não apenas na língua. A linguística é, portanto, um dos momentos da ciência da semiótica. Esta constitui a metateoria, à qual estão vinculadas todas as ciências humanas, o que não contradiz o pensamento de Saussure, mas o complementa. Aliás, realiza o seu sonho de construção de uma nova ciência que ele

nomeou *Semiologia* (hoje Semiótica) que daria conta do “estudo dos signos no seio da vida social, da qual a linguística seria um de seus ramos”. (CLG)

### **Uma linguística dos percursos e sua aplicação à análise do discurso etnoliterário:**

O estabelecimento de percursos (da significação e da enunciação) passa a ser o agir do analista semioticista, a fim de mostrar as mudanças operadas no hoje da língua.

Greimas (1966/1970) considerou a significação como um percurso constituído de três níveis: um fundamental ou profundo, o narrativo ou intermediário e o discursivo ou superficial. No primeiro caso, têm-se as relações de oposição básica, encontradas no texto; no segundo, ocorre a instauração do sujeito semiótico que busca o objeto de valor e, finalmente, no terceiro nível, são destacadas as relações intersubjetivas e espaços temporais de enunciação e enunciado, bem como o percurso temático-figurativo do texto.

A enunciação foi também descrita como percurso por Pais (1993) e Pottier (1992) que, partindo da mente do enunciador, precisamente de sua competência sobre um universo qualquer (y), só está concluído na mente do enunciatário, reformulando sua competência sobre o mesmo universo. Apresenta várias etapas, desde a percepção dos objetos do mundo natural pelo sujeito enunciador até a implantação na mente do enunciatário dos elementos linguísticos produzidos em discurso.

O percurso da enunciação de codificação, chamado pelos sociosemióticos de fazer persuasivo, compreende, segundo Pais (1977:40), as etapas que descreveremos a seguir. A primeira é a percepção, na qual o enunciador toma consciência dos objetos do mundo natural. A conceptualização é a etapa que se segue onde transparece o conceito que o enunciador tem a propósito dos seres e dos objetos percebidos. Denomina-se semiologização a instância onde se passa do conceito às formas semiológicas. Em seguida, tem-se a semiotização que, como o próprio nome indica, consiste na ação de um Sujeito determinado que busca o seu valor. Ocorre, aqui, a passagem do nível cognitivo ao semiótico. Esta se dá através da leximização, ou seja, através da escolha das lexias que vão ser utilizadas na atualização em discurso. A semiose é o procedimento seguinte que consiste na produção, acumulação e transformação da significação culminando com a produção do texto que é percebido pelo enunciatário.

O percurso da enunciação de decodificação, também chamado fazer interpretativo, parte do sentido inverso, isto é, da produção do texto que é percebido pelo enunciatário. Este (re)atualiza: reconhece a semiótica objeto, o código utilizado e

identifica os objetos manifestados. Em seguida, (re)semiotiza: reconstrói o texto completo e sua significação. Portanto, faz a leitura e a interpretação do texto com sua visão de mundo, nele incluindo aqueles elementos que são próprios de sua cultura. A (re)semiologização é a etapa seguinte, quando o enunciador reorganiza os campos semânticos e os universos semiológicos. Na (re)conceptualização, ele faz a reconstituição do metassistema conceptual, analisando a experiência nesse nível. Com isso, o enunciador realimenta e auto-regula o seu sistema conceptual que lhe chega à mente modificado, fazendo aumentar sua competência e seu saber sobre o universo em questão. Por mais fiel que o enunciatário reproduza o texto do enunciador, este não será o mesmo. Diz-se, portanto, que em cada enunciação existem, no mínimo, dois textos: um produzido pelo enunciador na codificação e outro pelo enunciatário na decodificação. Se houver mais de um enunciatário, cada um produzirá o seu texto interpretativo.

Vejamos, agora, a aplicação das teorias mencionadas à análise semiótica do romance oral *O Cego* que tem como referência histórica os disfarces do rei James da Escócia (1512-1542), pai de Maria Stuart. Este costumava vestir-se de cego e maltrapilho para conquistar suas amantes em vilarejos e bairros pobres da periferia da cidade. Esta análise se atém aos cinquenta e nove textos publicados no Nordeste do Brasil, por diferentes estudiosos, entre os quais incluímos os que levantamos na Paraíba e em Pernambuco para a realização de um Romanceiro. Os textos levantados foram codificados com a sigla CE (De Cego), seguida de um numeral cardinal de 1 a 59.

No Nordeste do Brasil, o romance resulta da articulação de quinze segmentos temáticos figurativos, de extensão variável. Alguns têm apenas um hemistíquio (como o  $S_{g2}$ ) e outros apresentam vários ( $S_{g9}$  na versão 13). Vejamos, a seguir, os segmentos enumerados de 1 a 15:

$S_{g1}$  — Batida ou chamada do suposto cego à porta

$S_{g2}$  — Sondagem da jovem (ou da sua mãe). Recusa da jovem em abrir a porta

$S_{g3}$  — Apresentação e pedido do cego

$S_{g4}$  — Pedido de Aninha/Helena/Maria à mãe ou vice-versa para que acorde e tome conhecimento da presença do cego.

- S<sub>g5</sub> — A mãe ordena à filha que dê esmola ao cego e/ou que a deixe dormir.
- S<sub>g6</sub> — O cego recusa a esmola e faz um novo pedido: que a menina o guie.
- S<sub>g7</sub> — A mãe ordena que a menina guie o cego
- S<sub>g8</sub> — Aninha/Helena/Maria/a menina deixa a roca e o linho e ensina o caminho ao cego. Despede-se dele depois.
- S<sub>g9</sub> — O cego insiste para que Aninha/Helena/Maria ande mais um bocadinho
- S<sub>g10</sub> — Aninha/Helena/Maria pede para ele ir ligeiro/espanta-se ao ver uma cavalaria se aproximando/ou o castelo. Desconfia do cego
- S<sub>g11</sub> — O cego revela o motivo da mentira e/ou a participação da mãe no rapto e/ou obriga-a a subir no cavalo.
- S<sub>g12</sub> — Aninha/Helena/Maria se despede (mãe/casa/jardim) e considera a mãe boa (em V<sub>b</sub>) e má (V<sub>a</sub>, V<sub>c</sub> e V<sub>d</sub>), caso em que se lamenta e pede socorro à mãe ou à madrinha/pede para elas virem buscá-la (V<sub>d</sub>). Tristeza/alegria da jovem.
- S<sub>g13</sub> — O cego ordena que as portas e janelas estejam abertas e/ou que o cachorro deixe de ladrar para acolhê-la.
- S<sub>g14</sub> — A mãe noticia a fuga da filha à vizinha.
- S<sub>g15</sub> — A vizinha não parece gostar do fato, ao responder que vai colocar as filhas dela na peia.

Agrupamos, a seguir, os seguimentos, determinando, em ordem decrescente, o número de versões em que aparecem:

<b>Nº de Versões em que aparecem</b>	<b>Identificação dos segmentos</b>
48	S <sub>g5</sub>
44	S <sub>g11</sub>
41	S <sub>g6</sub>
38	S <sub>g10</sub>
36	S <sub>g12</sub>
31	S <sub>g9</sub>
27	S <sub>g1</sub>
25	S <sub>g2</sub>
24	S <sub>g3</sub>
16	S <sub>g7</sub> e S <sub>g8</sub>
11	S <sub>g4</sub>
3	S <sub>g13</sub> , S <sub>g14</sub> , S <sub>g15</sub>

Os segmentos S<sub>g5</sub> e S<sub>g11</sub> foram os que mais resistiram à ação do tempo, logo seguidos de S<sub>g6</sub>, S<sub>g10</sub> e S<sub>g12</sub>. Os demais tendem a uma frequência que varia de mediana (9,1,2,3) à baixa (7,8,4,14,15). Os de frequência alta e mediana representam o núcleo significativo do texto, bem como, a aceitação popular. Os de frequência baixa mostram o pouco apreço na preferência popular.

O quadro a seguir mostra, em ordem decrescente, o número de segmentos por versões, bem como a referência da obra que as publicou.

<b>Versões</b>	<b>Segmentos</b>	<b>Localidade onde foi levantado</b>
CE39	13	LIMA, Aracaju-SE. 1977: p.260-262
CE57	11	VILELA, Maceió-AL, 1983: p.77

<b>Versões</b>	<b>Segmentos</b>	<b>Localidade onde foi levantado</b>
CE40	11	LIMA, Aracaju-SE, 1977: p.262-263
CE13	11	COSTA, Recife-PE, 1974: 340-342
CE59	10	GALVÃO, Natal-RN, 1993: p.44-45
CE35	10	LIMA, Aracaju-SE, 1977: p.254-256
CE33	10	LIMA, Aracaju-SE, 1977: p.252-253
CE21	10	LIMA, Aracaju-SE, 1977: p.239-240
CE17	10	LIMA, Aracaju-SE, 1977: p.234-236
CE16	10	LIMA, Aracaju-SE, 1977: p.233-234
CE9	9	BATISTA (inedito), Boqueirão-PB, 1988
CE29	9	LIMA, Propriá-SE, 1977: p.248-249
CE24	9	LIMA, Aracaju-SE, 1977: p.242-243
CE15	9	COSTA, Recife-PE, 1974: p.340-342
CE6	8	BATISTA, (inédito) Sítio Pau D'arco (Salgado de São Félix-PE), 1987
CE5	8	BATISTA, (inédito) Aroeiras-PB, 1987
CE34	8	LIMA, Aracaju-SE, 1977: p.253-254
CE30	8	LIMA, Aracaju-SE, 1977: p.249-251
CE28	8	LIMA, Aracaju-SE, 1977: p.247-248
CE20	8	LIMA, Aracaju-SE, 1977: p.238-239
CE19	8	LIMA, Aracaju-SE, 1977: p.237-238
CE14	8	COSTA, 1974: p.340-342
CE11	8	BATISTA, (inédito) Sítio Paquivira (Macaparana-PE), 1987
CE10	8	BATISTA, (inédito) Sítio Pau D'arco (Salgado de São Félix-PE), 1987
CE58	7	GALVÃO, Natal-RN, 1993: p.44-45
CE42	7	Riachão do Jacuípe-BA, 1986: p.184
CE38	7	LIMA, Aracaju-SE, 1977: p.258-260
CE25	7	LIMA, Aracaju-SE, 1977: p.243-244
CE23	7	LIMA, Aracaju-SE, 1977: p.241-242

<b>Versões</b>	<b>Segmentos</b>	<b>Localidade onde foi levantado</b>
CE43	6	ALCOFORADO e ALBAN, Salvador-BA, 1996: P.184
CE37	6	LIMA, Aracaju-SE, 1977: p.257-258
CE3	6	BATISTA, (inédito) Ipojuca-PE, 1988
CE27	6	LIMA, Aracaju-SE, 1977: p.246-247
CE26	6	LIMA, Aracaju-SE, 1977: p.244-246
CE1	6	BATISTA, (inédito) Cabo-PE, 1988
CE4	5	BATISTA, (inédito) Recife-PE, 1988
CE2	5	BATISTA, (inédito) Lagoa do Carro-PE, 1987
CE18	5	LIMA, Aracaju-SE, 1977: p.236-237
CE12	5	BATISTA, (inédito) Serra Talhada-PE, 1987
CE8	4	BATISTA, (inédito) Pilões de Dentro-PB, 1988
CE54	4	ALCOFORADO e ALBAN, Salvador-BA, 1996: p.188
CE47	4	ALCOFORADO e ALBAN, Salvador-BA, 1996: p.186
CE45	4	ALCOFORADO e ALBAN, Salvador-BA, 1996: p.186
CE41	4	ALCOFORADO e ALBAN, Salvador-BA, 1996: p.183
CE36	4	LIMA, Aracaju-SE, 1977: p.256-257
CE31	4	LIMA, Aracaju-SE, 1977: p.251-252
CE55	3	ALCOFORADO e ALBAN, Salvador-BA, 1996: p.189
CE53	2	ALCOFORADO e ALBAN, Salvador-BA, 1996: p.188
CE52	2	ALCOFORADO e ALBAN, Salvador-BA, 1996: p.187

<b>Versões</b>	<b>Segmentos</b>	<b>Localidade onde foi levantado</b>
CE51	2	ALCOFORADO e ALBAN, Salvador-BA, 1996: p.
CE50	2	ALCOFORADO e ALBAN, Salvador-BA, 1996: p.186-187
CE49	2	ALCOFORADO e ALBAN, Salvador-BA, 1996: p.186
CE48	2	ALCOFORADO e ALBAN, Salvador-BA, 1996: p.186
CE46	2	ALCOFORADO e ALBAN, Salvador-BA, 1996: p.185
CE44	2	ALCOFORADO e ALBAN, Salvador-BA, 1996: p.185
CE32	2	LIMA, Aracaju-SE, 1977: p.252
CE22	2	LIMA, Aracaju-SE, 1977: p.240-241
CE7	1	BATISTA, (inédito) João Pessoa-PB, 1988
CE56	1	ALCOFORADO e ALBAN, Salvador-BA, 1996: p.189

Observe-se que nenhuma versão se acha completa, isto é, apresentando os quinze seguimentos, o que comprova a existência de modificações que atingiram a estrutura do romance como um todo.

A versão mais completa é a CE<sub>39</sub>, anônima, recolhida em Lagartos por Sílvia Romero no final do século XIX e publicada por Lima (1977: p.260 – 262). Além de ser a mais completa, a CE<sub>39</sub> é a mais extensa, apresentando setenta e dois hemistíquios. Como é uma entre as mais antigas, observou-se uma redução de quase 50% na extensão do romance, em relação às coletas mais recente. As que recolhemos, no máximo, apresentaram nove segmentos (CE<sub>9</sub>), portanto, quatro a menos do que aquela. Houve, portanto, uma redução significativa na estrutura formal do romance, o que se pode explicar pelo espaço de tempo decorrido entre as duas recolhidas: entre setenta e cem anos, aproximadamente.

O exame da textualização permitiu observar a existência de cinco naturezas de versões: grupo a (V<sub>a</sub>) onde a filha não gostou do contrato da mãe com o cego e por isso tenta libertar-se; grupo b (V<sub>b</sub>) em que a filha não levanta oposição ao desejo da mãe, antes se alegra com o fato; grupo c (V<sub>c</sub>) corresponde a V<sub>a</sub>, eliminando-se a tentativa de

libertação da filha que se resigna à vontade da mãe; grupo d ( $V_d$ ) acrescenta a  $V_c$  o fato de a mãe retirar de si a própria culpa para jogá-la na filha e o grupo e ( $V_e$ ) que elimina toda a opinião da filha sobre a mãe, ficando isentas de análise sob este aspecto.

Considerando o percurso da enunciação, observa-se que a percepção é feita através de dois sentidos: é sonora, quando a filha escuta o bater na porta, representada em algumas versões, com onomatopeias do tipo de: *Tac, Tac, Tac* (CE6) e é visual quando ela própria vê o cego. Em seguida, ela atribui ao que vê conceitos como cego, pobre. Esses momentos são anteriores a realização dos enunciados linguísticos. São pré-linguísticos. Com a pergunta que a jovem faz: *quem me chama?* (na versão: CE6) surgem as figuras de superfície que vão dar concretude ao texto, culminando com a semiose que produz, acumula e transforma as significações em discurso. A resposta do Cego: *É um pobre ceguinho, é um pobre ceguinho que vem lhe pedir* (CE 6) instaura o cego como sujeito semiótico cujo valor é esmola. Isto na ordem do parecer, uma vez que ele *não é cego nem quer ser*. O interesse dele é a jovem: *Eu nunca fui cego, nem Deus não permita/ Eu só me fiz cego por moça bonita* (CE5). A jovem, destinada pela mãe, atende o pedido do cego e torna-se, também, sujeito semiótico na ordem de um dever fazer/ dar a esmola ao cego/ensinar o caminho, etc:

—Vai, Helena, ao armário  
Pegar pão e vinho pu pobre ceguinho

—Vai, Helena, devagarzinho,  
Ensina o caminho a este ceguinho.

De início, em todas as versões, a mãe, é respeitada pela filha que nela confia e atende - lhe todos os pedidos. Portanto, a mãe é boa. A descoberta de que a mãe havia tido um acordo anterior com o cego transforma o conceito que a filha tinha da mãe: ela não é verdadeira, nem digna de sua confiança; portanto, é má, o que a deixa triste em algumas versões:

*“Adeus minha mãe, adeus meu jardim, adeus minha mãe que foi falsa a mim / Adeus minha mãe que tão falsa me foi.”*  
(CE5)

Em outras, todavia, embora reconhecendo ter sido enganada, alegre-se em virtude da posição elevada que passará a ocupar:

*“Adeus minha casa, adeus meu jardim / Adeus minha mãe que foi boa prá mim.”* (CE2)

Usado, muitas vezes como teatro, nas festividades escolares do interior nordestino, o texto apresenta uma disposição dialógica onde acontece a mudança de turno do enunciador para o enunciatário e vice – versa. Assim, o procedimento de recepção acontece, quase que simultaneamente, com o de recepção. Os sujeitos enunciador e enunciatário são atores dos enunciados e, portanto, estão embreados entre si com o tempo da enunciação e do enunciado.

### **Conclusão**

A análise das cinquenta e nove versões do romance oral permitiu considerar que o núcleo do enredo é o mesmo, mas cada informante o superficializa diferentemente, ora ampliando momentos especiais, ora os reduzindo, ou ainda, utilizando figuras de expressão diversas para dizer a mesma coisa, o que mostra não apenas uma escolha estilística da língua, mas conhecimento diverso da mesma. Isto vem a comprovar que a competência dos sujeitos envolvidos não é a mesma, mas se modifica de um sujeito para outro. Além disso, alguns conceitos são modificados no interior da narrativa. Por exemplo, a ideia de mãe boa, perfeita e caridosa, considerada em princípio, é desconstruída para o sujeito filha quando descobre ter sido vítima de uma traição da qual a mãe é mentora junto com o cego. Em cada atualização, o sujeito responde por modificações operadas no seu sistema e no daqueles com quem interage. Novas são as figuras de expressão ou novos são os conceitos apreendidos. Há um processo contínuo de autoalimentação e autorregulação, de formulação e reformulação do sistema. São os discursos que respondem por estas mudanças no sistema. O sistema produz o discurso que, por sua vez, produz o sistema continuamente.

### **Referências**

- ALCOFORADO, Doralice Xavier e ALBAN, Maria del Rosário Suárez. **Romanceiro Ibérico na Bahia**. Salvador: Livraria Universitária, 1996
- BARBOSA, Maria Aparecida. Estrutura e tipologia dos campos conceptuais, campos semânticos e campos lexicais in **Acta Semiotica et Lingvistica**, Revista da Sociedade Brasileira de Professores de Lingüística, vol. 8 São Paulo: Ed. Plêiade, 2000, p. 95-120.
- \_\_\_\_\_. **Léxico, Produção e criatividade**. 3 ed. São Paulo: Plêiade, 1996
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral**. São Paulo: Nacional, 1976
- CHOMSKY, Noam. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge. Mass: MIT Press, 1965.
- COSERIU, Eugenio. **Teoria da linguagem e lingüística geral**. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Edusp, 1979.
- GREIMAS, A. J. **Semantique structurale**. Paris: Larousse 1966.

\_\_\_\_\_ **Du sens.** Paris: Seuil 1970.

COURTÉS, J. **Introdução à semiótica narrativa e discursiva.** Coimbra: Almedina, 1979.

GALVÃO, Hélio. **Romanceiro – pesquisa e estudo. Introdução e notas de Défilo Gurgel.** Natal: UFRN: Fundação Cultural Hélio Galvão: Fundação Sócio Cultural Santa Maria, 1993.

LIMA, Jackson da Silva. **O folclore em Sergipe: romanceiro.** Rio de Janeiro: Cátedra; MEC – Brasília: INL, 1977

PAIS, Cidmar Teodoro. *Conceptualisation, dénomination, désignation, référence: réflexions à propos de l'énonciation et du savoir sur le monde.* In: **Textures. Cahiers du C.E.M.IA.** Lyon, Université Lumière Lyon 2, 1998 p. 271-311.

\_\_\_\_\_ **Conditions sémantico-syntaxiques et sémiotiques de la proactivité systémique, lexicale et discursive.** Doctorat d'État em Lettres et Sciences Humaines. 3 tomes. Directeur de Recherche: Bernard Pottier. Paris: Université de Paris-Sorbonne (Paris IV), 1993

POTTIER, Bernard. **Sémantique générale.** Paris: Presses Universitaires de France, 1992

POTTIER, Bernard. **Théorie et analyse em linguistique.** Paris: Hachette, 1987

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral.** 9º ed. São Paulo: Editora Cultrix.

**Anexo**  
**CE6 - O CEGUINHO**

Cantado por Maria Cristina Lopes, 15 anos,  
estudante do 1º grau, Sítio Pau d'Arco (Salgado de  
São Félix) em 20 de janeiro de 1987.

Tac, tac, tac, — quem me chama?

—É um pobre ceguinho, é um pobre ceguinho, é um pobre ceguinho

—Vai Helena ao armário (bis)

Pegar pão e vinho pr'este pobre ceguinho (bis)

—Não quero o seu pão, não quero o seu vinho (bis)

Só quero que Helena me ensine o caminho (bis)

—Vai Helena devagarinho (bis)

Ensina o caminho a este pobre ceguinho (bis)

—Nem sou cego, nem quero ser (bis)

Só fingi de cego prá roubar você (bis)

—Adeus minha casa, adeus meu jardim (bis)

Adeus minha mãe, que foi boa prá mim (bis)

(BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de  
Mesquita. *Romanceiro em Pernambuco*.  
Inédito: 1988)

**CE3 - O CEGO**

Cantado por Isabel Maria Alves, 66 anos, Usina  
Salgado, Ipojuca-PE, em 14 de janeiro de 1988.

— Minha mãe, aqui tem um cego cantando e pedindo

— Se ele está pedindo dá-lhe pão com vinho

— Eu não quero o teu pão nem quero o teu vinho

Só quero que me ensine somente o caminho

— Se alevanta, Aninha vai guardar teu linho

Pega as mão do cego e ensina o caminho

— Eu não sou cego, nem Deus tal permita

Eu só me acho cego por moça bonita

— Adeus minha casa adeus meu jardim

Adeus minha mãe que foi falsa a mim.

(BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de  
Mesquita. Op. Cit. Inédito: 1988)